



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES

SARAH ARRUDA SANTOS PINTO

**SUMMER É A PERFEIÇÃO, MAS A PERFEIÇÃO NÃO TEM
PROFUNDIDADE: O CLICHÊ DA MANIC PIXIE DREAM GIRL**

FORTALEZA - CE

2023

SARAH ARRUDA SANTOS PINTO

SUMMER É A PERFEIÇÃO, MAS A PERFEIÇÃO NÃO TEM
PROFUNDIDADE: O CLICHÊ DA MANIC PIXIE DREAM GIRL

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras Inglês do Centro de Humanidades
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito à graduação de Licenciada em
Letras Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Dolores Aronovich
Aguero

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A819s Arruda, Sarah.
Summer é a perfeição, mas a perfeição não tem profundidade : O clichê da Manic Pixie Dream Girl / Sarah Arruda. – 2023.
29 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Letras (Inglês), Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Dolores Aronovich Agüero.

1. Manic Pixie Dream Girl. 2. feminismo. 3. representação na mídia. 4. 500 dias com ela. 5. Doenças mentais. I. Título.

CDD 420

SARAH ARRUDA SANTOS PINTO

SUMMER É A PERFEIÇÃO, MAS A PERFEIÇÃO NÃO TEM
PROFUNDIDADE: O CLICHÊ DA MANIC PIXIE DREAM GIRL

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras Inglês do Centro de Humanidades
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciada em Letras Inglês.

Aprovado em: __/__/2023.

Prof. Dra. Dolores Aronovich Agüero (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Paulo Roberto Nogueira de Andrade

Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Este estudo propõe uma discussão sobre a representação feminina na mídia, especificamente tratando do nascimento, disseminação e consequências atreladas ao arquétipo “Manic Pixie Dream Girl”, criado pelo crítico de cinema Nathan Rabin (2007). Esse fenômeno foi analisado principalmente através do filme *(500) Dias com Ela* (2009) e por outras personagens do cinema consideradas Manic Pixie Dream Girls. Esse trabalho também vai discutir a neurodiversidade e a romantização de doenças mentais para traçar um paralelo entre esses conceitos e as personagens. O objetivo é trazer à tona possíveis causas para esse tipo de representação feminina, avaliar sua qualidade e levantar melhorias para representações futuras.

Palavras-chave: Manic Pixie Dream Girl; feminismo; representação na mídia; 500 dias com ela; Doenças mentais;

ABSTRACT

The present study proposes a discussion about female representation in media, more specifically diving on the birth, dissemination and consequences of the trope called “Manic Pixie Dream Girl”, created by the movie critic Nathan Rabin (2007). This phenomenon was mainly analyzed through the movie *(500) Days of Summer* (2009) and other female characters from cinema considered Manic Pixie Dream Girls. This work will also discuss neurodiversity and the romanticization of mental illness to trace a parallel between those concepts and said characters. Our objective here is to elicit possible causes for this kind of female representation, to conclude its quality and to raise hypotheses for future improvement of how women are represented.

Keywords: Manic Pixie Dream Girl; feminism; media; media representation; 500 days of Summer; mental illness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MANIC PIXIE DREAM GIRL (MPDG)	10
2.1 (500) DIAS COM TOM.....	15
2.2 MPDG POR TRÁS DAS CÂMERAS.....	19
2.3 MPDG E SUA INFLUÊNCIA.....	20
2.4 MPDG NO ESPECTRO.....	23
3 CONCLUSÃO	28
4 REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Quando criança, por volta dos meus 8 anos, já odiava coisas de menina. Detestava rosa e tudo que comprasse a ideia do feminino: filmes, brinquedos, livros. Eu odiava Barbies e odiava quando me presenteavam com conjuntinhos cor-de-rosa que todas as outras meninas da minha idade estavam usando. Ainda na infância, decidi que não queria ter filhos e jamais ia me casar, achava isso uma bobagem, “coisa de menininha”. Durante a adolescência, acabava rivalizando com outras garotas e sempre fazia questão de comentar como era mais fácil ter amigos homens, pois meninas eram muito chatas. Elas falavam demais e eram sensíveis demais ao que eu dizia, já que por alguma razão desconhecida eu não tinha filtro e falava coisas vistas como inapropriadas para uma menina da minha idade. Eu não entendia o que não podia ser falado, tinha muita dificuldade de expressar meus sentimentos, ler determinadas situações e me fazer ser compreendida pelas pessoas. Somente quando comecei a frequentar uma psicóloga, chegamos à conclusão de que tinha sim algo de errado comigo: eu possuía um transtorno chamado Borderline.

Esse transtorno, conhecido como Transtorno de Personalidade Borderline, surge através de experiências traumáticas ou negligência na infância e comprovadamente afeta o desenvolvimento do cérebro, reduzindo partes como a amígdala e o hipocampo e trazendo um mal funcionamento geral de regiões importantes para a regulação emocional. O Borderline possui variações extremas entre melancolia, caracterizada como a paralisação do desejo de viver, baixa na autoestima e na libido, forte sentimento de autopunição e perda, somados à incapacidade de executar funções básicas e essenciais para a vida como dormir ou se alimentar, e a mania, que mais seria um viés do episódio melancólico porém

regado à hiperatividade, excesso de autoconfiança, tendências a promiscuidade e impulsividade junto do abuso de substâncias. No transtorno Borderline que a psiquiatra Lígia Lorandi Ferreira Carneiro caracteriza como “um mosaico de sintomas menos acentuados de diversos transtornos” (2004, p. 66) essas variações, que são mais bem delimitadas em pacientes com Transtorno Bipolar¹, no Borderline são desorganizadas, contando com sensações conflitantes e por vezes explosivas que mudam com rapidez já que é característico do transtorno a incapacidade de auto regulação.

O Borderline está comumente associado à intenso sentimento de solidão, automutilação, alta taxa de suicídio, relacionamentos conturbados e por vezes um incapacitante medo de ser abandonado. Podemos observar também a dificuldade em definir a própria imagem quando este observa a personalidade do outro e pega para si os traços que mais agradam, sendo sua própria, canonicamente mutável. Possui muita insegurança e constante sentimento de não pertencimento. Carneiro diz que essa condição afeta “de 1 a 2% da população geral, 10% de pacientes psiquiátricos [...] sendo que a maior parte das pessoas afetadas (até 70%) corresponde a mulheres” (2004, p. 66).

Dito isso, conviver com tal condição é um desafio e só compreendi como esse transtorno funcionava muitos anos depois de saber da sua existência. Às cegas, fui transitando sem entender por que tinha tanta dificuldade em manter relacionamentos saudáveis e por que as pessoas nunca permaneciam na minha vida. Elas não me entendiam, não sabiam lidar comigo e preferiam manter distância enquanto constantemente me taxavam como uma pessoa ruim. Precisei encontrar formas de lidar com essa situação sabendo que pessoas “normais” nunca seriam capazes de compreender o que eu estava passando.

Na época, eu nem mesmo via o afastamento dessas pessoas como rejeição porque na minha cabeça era eu quem estava rejeitando a padronização delas. Achava patético ser igual a todo mundo, gostar das coisas que as meninas gostavam e pra mim, ser diferente soava maravilhoso. Entretanto, apesar da minha resistência e claro desgosto pelo feminino, confesso que antes mesmo de chegar nesse sentimento satisfatório de transgressão, já era difícil tentar me imaginar como

¹ **Transtorno bipolar:** O transtorno bipolar (TB) é uma doença mental e se caracteriza pela presença de episódios alternados e bem delimitados de humor (mania/hipomania e depressão), os quais variam em intensidade, duração e frequência.

delicada ou atraente. Eu não me parecia com as outras garotas, seja física ou mentalmente, e muito menos com todas as mulheres magérrimas que passavam na televisão. Não tinha aquele corpo, aquele cabelo, aquele jeito de falar e, por consequência, não recebia qualquer atenção masculina. Eles me tratavam como um amigo e nesse papel me mantive pela necessidade de pertencer, de cultivar as poucas relações que me restavam.

Dentro do grupinho dos meninos eu contava piadas sujas, xingava como eles e brigava fisicamente em busca de aceitação, até mesmo rindo das meninas como os garotos faziam, enquanto secretamente me apaixonava pelos meus amigos e nunca era correspondida. Para eles eu não era exatamente uma garota, ou não o tipo que desejariam romanticamente, o que me doía muito pois, apesar de tratar o não pertencimento com orgulho, no fundo eu ansiava ser como todas as outras meninas.

Eu não sabia porque me sentia dessa forma e muito menos o que me influenciou a tais sentimentos. Para falar a verdade, dentro da minha pouca idade e muita ignorância, preferia morrer a admitir estar sendo influenciada por algo ou alguém. Eu era original, minhas ideias saíam de mim e de ninguém mais, certo? Errado, vide *Borderline* com seus delírios de grandeza e personalidade mutável, atrelado à forte influência que a mídia possui sobre a mente de uma criança que teve a televisão como babá e educadora dentro de casa.

As doutoras em psicologia clínica Ellen da Silva e Suely Santos tratam em seu trabalho sobre a influência dessa mídia na subjetividade e afirmam que esta, em toda sua capacidade, tem o poder de ditar regras sociais, fazer “crer e ver, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, substituindo valores, modificando e influenciando contextos sociais, grupos, constituindo os arquétipos do imaginário, criando novos sentidos simbólicos como árbitros de valores e verdades” (2009, p. 2). Se considerarmos que a mídia é um dos maiores poderes econômicos da sociedade atual e se tornou nossa maior fonte de entretenimento e informação, podemos concluir que há dominação, um poder maior dessa mídia sobre nossas opiniões e visões de mundo. Ela nos mostra apenas o que deseja que vejamos e, sabendo que o ser humano aprende através de interações sociais, observando o outro, torna-se imperativo identificar se as influências são acuradas, capazes de agregar reais ideias de mundo ao nosso subconsciente já que estamos constantemente replicando esses comportamentos.

Infelizmente, quem controla essa informação costumam ser grandes corporações que não se preocupam com o coletivo e que mantêm seus interesses acima dos da população, principalmente acima dos interesses e reivindicações das minorias. A mídia é capaz de passar a mensagem que quiser e ditar que comportamentos e valores adotar. Se através dela, eu via mulheres sendo diminuídas por seus gostos, opiniões e desejos, tratadas como fracas e inferiores, conclui então que julgar essas mulheres era a postura correta a seguir, ainda mais sendo Borderline, movida pelo desejo quase patológico de agradar ao outro, de ser gostada.

Se o centro da informação humana e por consequência da sociedade que me rodeava dizia que ser mulher era algo ruim, que gostar das coisas que as mulheres gostam e passar feminilidade era algo negativo, eu acreditei e concluí que como suposta feminista em busca de uma sociedade melhor, deveria tentar ser diferente disso. Sem boas representações e influências que evidenciem o quão distorcida é essa ótica e te faça compreender que a mídia é controlada por poucos, em maioria homens, e que não passa de um reflexo de uma sociedade patriarcal e machista, que reproduz apenas a visão deles de mundo, você permanece na bolha de desinformação.

Confesso que só consegui mudar de opinião quando entrei na Universidade e tive contato com outros mundos, autores e mulheres para entender essa realidade em que estamos inseridas, para compreender que minha intenção poderia ser boa, mas que eu estava fazendo tudo errado. Agora que entendo melhor meu lugar na sociedade como mulher e as distorções e influências da mídia na visão que tinha de mim mesma e de outras mulheres, dedico este trabalho a iniciar uma reflexão sobre esse processo, sobre como ele ocorre e no que nos transforma.

2. MANIC PIXIE DREAM GIRL (MPDG)

Reivindicações por representatividade na televisão e no cinema muitas vezes são ignoradas ou tratadas como banais, mas como já discutimos, a mídia é o atual maior comunicador e é através dela que as pessoas aprendem uma série de comportamentos e ideologias que afetam suas vidas diretamente. Quando você não consegue ver um semelhante ocupando determinados espaços, fica quase impossível de se imaginar estando ali, existindo naquele ambiente, e se não tenho

em quem me espelhar, como vou me entender como pessoa? Como serei capaz de compreender minha própria realidade e possibilidades? Se nos anos 1950 as únicas mulheres na TV eram donas de casa, esposas perfeitas e subservientes aos seus maridos, como seria possível para uma mulher naquela época se imaginar deixando um casamento infeliz ou violento? Como se imaginar trabalhando e sendo independente? Como imaginar uma realidade diferente se não há evidências para a sua existência?

Sabendo que eu não me encaixava no padrão feminino geral e nem mesmo encontrava identificação dentro de casa, me sentia uma estranha no ninho. Era como se naquele momento minha existência não fosse possível, até que surge na televisão minha primeira identificação com outra mulher: a MANIC PIXIE DREAM GIRL, ou MPDG daqui em diante. Trata-se de um tipo de personagem muito específico que começou a surgir na mídia nos anos 2000 com a popularização dos filmes indie², batizada pelo crítico de cinema e música norte-americano Nathan Rabin ao descrever Claire Colburn, personagem de Kirsten Dunst no filme *Tudo acontece em Elizabethtown* (2007) por esse termo, que em português significa algo como “garota maníaca fadinha dos meus sonhos”, trata-se de um tropo ou arquétipo hoje profundamente disseminado na mídia. É uma personagem feminina que celebra não ser como as demais, que entra como uma alternativa aos arquétipos femininos padrões mais aceitos pelo público conservador por serem subservientes como a donzela ou a mãe, e até desejados e altamente sexualizados como a femme fatale.

As MPDG são mulheres impulsivas, que buscam tirar o máximo de prazer da vida, ou, de acordo com a doutora em comunicação audiovisual Lucía Gloria Vásquez Rodríguez:

[Mulheres] que usam de um comportamento carpe diem espontâneo, indo de socialmente inapropriado feito pular na piscina no meio de uma festa formal como Ruby Sparks faz no filme de mesmo nome, ao simplesmente perigoso como Clementine e seu alcoolismo casual em *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças* (RODRIGUEZ, 2004).

MPDG são vistas como peculiares, quase impossíveis de ler e lidar, mas enxergam o mundo de uma maneira única e por isso ensinam aos outros como ver a vida de forma mais leve. Mulheres que, assim como eu, falavam o que vinha à

² **Filmes indie** ou filmes independentes: produções cinematográficas que não são fruto de grandes estúdios de cinema ou grandes orçamentos. São marcados pela visão artística pessoal de seus diretores e caracterizados por seu conteúdo que muitas vezes pode ser inovador e subversivo.

mente a ponto de ser incômodo e que não desejavam os delírios femininos padrão da casinha com a cerca branca.

De acordo com o criador do termo, Nathan Rabin, a MPDG "existe unicamente na imaginação febril de sensíveis escritores-diretores para ensinar jovens rapazes melancólicos a abraçar a vida e seus infinitos mistérios e aventuras" (2007, minha tradução).

Esse tipo de personagem é geralmente bonita e sexualmente bem resolvida, pode ser hipersexualizada e até fetichizada, o que é problemático pois a MPDG costuma ser pequenina e infantilizada. Isso pode ser concluído pela composição de palavras escolhidas para o termo, usando da palavra "girl", apesar de raramente se tratar de uma adolescente, muito menos uma criança, com os comportamentos e aparência da adorável MPDG. Também há a palavra "pixie" que no inglês é associado a fadinhas, seres fantásticos diminutos como a famosa Tinker Bell de *Peter Pan* (1953), remetendo à estatura da personagem e também curiosamente ao fato de ela não passar de um delírio masculino, não existir na vida real.

A MPDG costuma ter alguma forma de trauma em seu passado, como a morte de uma pessoa próxima ou um evento pessoal perturbador do qual está tentando fugir, mas quase nunca é mostrada lidando com ele, ou sequer tendo grandes resoluções de vida. Dito isso, muitas das características dessa personagem batem com a descrição que recebi mais nova sobre meu transtorno de personalidade Borderline. Há exemplos como: a experiência traumática que desencadeia o Borderline, variações de humor, impulsividade que na prática pode ser lida como essa atitude *carpe diem* de viver cada dia como se fosse o último, as roupas estranhas e traços de personalidade que mais parecem uma colagem, um mix de outras personas, as relações amorosas e familiares conturbadas que são uma marca registrada desse transtorno, o abuso de substâncias como álcool, drogas, mas que também pode ser de compras ou sexo, uma qualidade por vezes mais infantil de personalidade e o principal: a palavra "manic" no termo MPDG.

"Manic" pode ser traduzido como maníaca, mas no inglês é geralmente associado a pessoas com funções mentais diferenciadas, a fase de mania que foi citada no início do texto ou uma agitação da mente, uma impulsividade quase impossível de controlar sem terapia e medicação adequada. E na verdade essa conotação do termo "manic" não precisa estar diretamente associada apenas ao

Borderline (TPB), ela pode conversar também com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno Bipolar (TB), o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), entre outros distúrbios que podemos englobar no termo guarda-chuva “neurodiversidade”, cunhado pela socióloga Judy Singer, que diz:

A ascensão da neurodiversidade leva a fragmentação do pós-modernismo um passo à diante. Assim como a era pós-moderna vê todas as crenças, outrora sólidas, desfazer-se no ar, até a mais subestimada das premissas: que nós todos vemos, sentimos, tocamos, ouvimos, cheiramos e organizamos informações, mais ou menos da mesma forma, (salvo quando visivelmente deficiente) estão caindo por terra. (SINGER, 1998, p. 12, minha tradução)

Tendo esse paralelo em mente e a imensidão de similaridades, apesar de nunca ter sido mencionado se uma dessas personagens é ou não neurodivergente³, as MPDG são muito associadas e lidas assim pela própria comunidade neurodiversa e isso é amplamente discutido em vários fóruns de debate na internet em seus prós e contras, já que homens acabam se encantando pela personagem e a buscam no mundo real como companheiras e, nesse caso, quem além de mulheres neuroatípicas⁴ poderia assumir esse papel se dentro de suas condições especiais dividem tantas similaridades com o clichê da MPDG?

Ver tanto da minha condição representado na tela por esta personagem, fez com que a MPDG me fosse ainda mais familiar, que trouxesse ainda mais identificação na juventude, o que certamente continua acontecendo com milhares de meninas e mulheres que não se adequam aos padrões sociais e não se vêem em personagens comuns, neurotípicos⁵.

Ainda sobre suas outras características, a MPDG consegue despertar o fascínio do protagonista, que geralmente também não é o padrão de homem atraente. Ele, muito diferente dela, é taciturno e está passando por um momento de dúvida sobre a própria vida, até que a MPDG aparece e o ensina a viver novamente. Diretores raramente dão tempo de tela a MPDG a não ser que o protagonista precise de algum desenvolvimento que só ela pode oferecer, pois é impulsiva e meio esquisita, pode aparecer e desaparecer de acordo com a necessidade da

³ **Neurodivergente:** o mesmo que neurodiverso, que faz parte do termo neurodiversidade cunhado por Judy Singer.

⁴ **Neuroatípica:** O mesmo que neurodivergente. Pessoas que apresentam alterações no funcionamento cognitivo, comportamental, neurológico e neuro anatômico como pessoas com TEA, TB, TPB, TDAH, etc

⁵ **Pessoa neurotípica:** aquela que não é neurodiversa, neurodivergente ou neuroatípica.

narrativa/enredo do filme sem que seja necessário dar grandes explicações, afinal ela é assim: diferente.

O propósito da MPDG gira em torno de movimentar a vida do protagonista, que a idealiza e a trata como se fosse uma entidade mística incompreensível, se apaixona por ela e faz de sua única meta tê-la para si, controlar aquele ser incontrolável. Mas e quanto a MPDG? O que ela quer? Ninguém sabe, ou melhor, quem dita o correr da história deixa claro que não se importa.

O mais instigante é que esse termo foi originalmente criado por Nathan Rabin em (2007) para criticar um roteiro raso e preguiçoso que cria personagens femininas interessantes, mas sem qualquer profundidade e apenas para utilizá-las como um catalisador de roteiro, nada mais. Tanto que, quanto mais complexidade e desenvolvimento dado à personagem, mais difícil é classificá-la como uma MPDG. Com o passar dos anos, a popularização do termo distorceu a problemática levantada por Rabin e de repente, as MPDGs estavam por todos os lados de forma intencional. A mídia como transmissora oficial dos padrões de comportamento sociais, vendo que aquilo vendia bastante, trouxe a MPDG cada vez mais à tona e fez com que garotas reais começassem a se inspirar nela, afinal de contas, a MPDG é em geral divertida e sem medo de celebrar sua individualidade, seja através de falas, gostos ou roupas.

Em uma reflexão mais específica sobre o processo de influência da mídia quanto às mulheres, Rodríguez nos traz que:

Filmes carregam ideologias, a maneira com que constroem os gêneros e produzem modelos a serem seguidos vai ter consequências diretas em como jovens mulheres negociam seu lugar na sociedade e performam sua feminilidade, influenciando diretamente a maneira como se vestem, falam, se comportam e até pintam o cabelo. (RODRIGUEZ, 2017, p. 172, minha tradução)

Podemos então concluir que filmes de fato replicam padrões em quem os consome e este processo foi exatamente o que aconteceu no período da popularização das MPDG; nesta mesma época, cabelos coloridos e o estilo vintage se tornaram mais populares graças à personagem. Rodríguez então continua sobre a origem da propagação desses padrões e suas consequências quando diz que:

Filmes refletem e representam erroneamente as estruturas sociais da nossa realidade de acordo com as fantasias e medos dos diretores e roteiristas homens, criando estereótipos que excitam a imaginação do espectador também homem, enquanto limitam mulheres, ditando comportamentos que não incentivam independência, inteligência ou ambição. (RODRIGUEZ,

2017, p. 172, minha tradução)

E com isso podemos inferir que essas influências não costumam ser positivas para mulheres, pois pregam padrões de comportamento negativos e por vezes normalizam tratos sociais problemáticos. A MPDG, no fim das contas, não passa de um delírio criado por homens para outros homens, não deve ser vista como um modelo a seguir.

Muitas vezes a MPDG é depreciada e odiada como em *(500) Dias com Ela*, e nos é introduzida através desse filtro de ressentimento. Não é uma perspectiva neutra, já que o filme se inicia com a nota criada pelo co-roteirista, Scott Neustadter, que diz: “The following is a work of fiction. Any resemblance to persons living or dead is purely coincidental. Especially you, Jenny Beckman. Bitch” (“Isto é uma ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência. Especialmente você, Jenny Beckman. Vadia.” Minha tradução). Ou seja, trata-se de uma ficção, mas nem tanto, pois o homem que controla essa narrativa faz questão de deixar claro quem é a vilã da história quando xinga essa garota até então desconhecida. Porém, através de uma entrevista com o diretor, descobrimos ser alguém do passado de Neustadter, nos permitindo então concluir que ainda existem sentimentos negativos direcionados não apenas a Summer, par romântico do protagonista, como fica claro no decorrer do filme, mas à mulher da vida real na qual Summer é inspirada, Jenny Beckman.

Em 2009, na entrevista do diretor Marc Webb ao site *Omelete*, o entrevistador pergunta o que Jenny havia feito a Neustadter para merecer ser citada daquela maneira, ao que o diretor responde: “esse filme é sobre aquela época da vida em que você espera certas coisas que nem sempre vem, e Jenny Beckman era a manifestação disso para o jovem Scott” (WEBB, 2009). Em seguida o diretor assume que algo no filme se baseia sim na realidade e que Summer era “como um amálgama de várias mulheres e várias vidas diferentes” (WEBB, 2009). Em outras palavras, o filme pode não ser apenas sobre o término de Jenny Beckman e Scott, mas sobre um aglomerado de situações semelhantes que ocorreram na vida de ambos e de vários outros homens.

Talvez possamos deduzir que a motivação para *(500) Dias com Ela* ter virado um dos filmes indie queridinho de muitos foi a identificação que gerou. Os típicos auto denominados “caras legais” também se viram no personagem principal porque já tiveram o coração partido por garotas bonitas e “más” e encontraram uma

validação naquele sentimento de rejeição, visto como injusto, outrora sentindo-se "vingados" quando Tom, o protagonista, expressa seu rancor por Summer, ou quando o próprio diretor e co-roteirista se sentem no direito de expor e xingar uma mulher real, movidos por um ressentimento antigo e muito provavelmente injusto.

Essa identificação tornou o filme ainda mais popular porque aquilo seria para eles uma representação honesta, uma situação familiar a todos os homens. Já a personagem feminina foi fortemente criticada pois se tornou o alvo do ódio, a garota inalcançável que eles amam odiar.

2.1 (500) DIAS COM TOM

Em *(500) Dias com Ela*, toda a narrativa parte de Tom, o protagonista interpretado por Joseph Gordon-Levitt. O filme é inteiramente contado em primeira pessoa sob seu ponto de vista, em todas as suas expectativas e delírios. Ele é um jovem frustrado com a própria vida, mais especificamente com seu emprego de escritor de cartões comemorativos. Seus únicos três amigos são dois homens de sua idade, que só aparecem para reproduzir comportamentos e falas misóginas, e sua jovem irmã, que estranhamente o aconselha, dando um tom cômico para o fato de que uma mulher pré-adolescente pode ser mais sensata que um homem adulto (sendo ela também a única outra mulher de destaque no filme, porém curiosamente, ela e MPDG nunca se encontram, muito menos se falam). Seus amigos possuem um propósito importante para a narrativa e a forma como a audiência vê Tom, pois apesar de tudo, Tom é um cara muito gente boa. Se comparado com eles, Tom é sem dúvida bem melhor, ou poderia ser muito pior. Eles estão ali para trazer contraste com o personagem principal, para dizer ao espectador que ele não é como os outros, sendo que Tom é tão machista quanto seus amigos, mas de uma maneira diferente e mais difícil de identificar.

O machismo escancarado é comumente encontrado nas massas, no público mais conservador e padrão de homens e até mulheres que não costumam se atentar a essas causas já que não lhe dizem respeito, visto que a prática não atinge seu estilo de vida, ou não da forma que eles percebem. Porém, existe uma outra categoria de machismo mais brando que é facilitado através de personalidades como as de Tom, de pessoas não padrão, de quem não se espera esse tipo de comportamento pois elas normalmente são mais envolvidas com causas sociais e

pensam mais sobre o assunto, tornando-se figuras menos problemáticas e que propagam menos misoginia e preconceito.

No entanto, nossa sociedade está fundamentada no patriarcado, em ideais machistas, e apesar da atual evolução que presenciamos, ainda existem comportamentos e falas que se perpetuam pois estão enraizados no nosso subconsciente. Por exemplo: mulheres acabam responsáveis pela educação dos filhos e a limpeza da casa por mais que trabalhem como seus parceiros, ou quando homens as subestimam e tratam como inferiores, mais fracas e frágeis, sempre querendo ajudar a “mulher indefesa” que não pediu ajuda alguma, ou explicar a elas algo que já sabem como se não fossem capazes de compreender sozinhas, o famoso *mansplaining*⁶.

Esse comportamento supostamente inofensivo é uma violência simbólica, descrita pelo sociólogo Pierre Bourdieu como “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 2014, p. 12). Estas ocorrem no dia a dia com milhares de mulheres e passam despercebidas, ou pelo menos ainda não são criminalizadas apesar de continuamente perpetuar estereótipos negativos e ferir pessoas com mini agressões veladas sob a máscara de um cavalheirismo que não existe, ou que possui segundas intenções. Para definir um termo apropriado, podemos chamar esse modelo de machismo mais brando por machismo recreativo ou cavalheirismo misógino, que acontece “com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Para Tom, Summer mudou sem motivo. Ela desistiu deles como um casal, ela errou e ela é o problema, não ele, que fez de tudo para que ficassem juntos. Não fazia sentido para Tom que Summer estivesse infeliz e não quisesse permanecer naquela relação com ele. Por mais que desde o início ela tenha expressado

⁶ **Mansplaining:** termo do inglês que junta as palavras ‘man’ (no português ‘homem’) e ‘splaining’ (que seria uma adaptação do verbo explaining, ou no português ‘explicando’) e que se refere a quando homens explicam ou tentam ensinar coisas na maioria das vezes óbvias à mulheres que não pediram qualquer auxílio, deduzindo que elas saibam menos do que eles sobre o assunto. O termo foi inspirado pela dissertação: “Men Explain Things to Me: Facts Didn't Get in Their Way”, escrito por Rebecca Solnit, originalmente publicado em <http://tomdispatch.com> em 13 de Abril de 2008, atualmente disponível no link: <https://www.commondreams.org/views/2008/04/13/men-explain-things-me-facts-didnt-get-their-way>.

desinteresse por um relacionamento, ainda não fazia sentido porque na realidade ele nunca ligou para o que ela queria.

Tom estava tão obcecado por Summer, ou pela ideia que criou dela, que não parou em nenhum momento para pensar no que Summer queria. Ele tinha por certo que eles eram o casal perfeito, que ela era a mulher de seus sonhos e que eles estavam destinados a ficar juntos. Nada mais importava. Até mesmo depois de todo o processo de cura pós-término, Summer, que casou com outro homem, estava vivendo um amor tranquilo – feito incomum para o arquétipo da caótica Manic Pixie Dream Girl, que geralmente só desaparece na direção de um futuro incerto (como aconteceu com a Alice de Natalie Portman no final de *Closer*, *Perto Demais*, de 2004), enquanto Tom torna-se cético e passa a rejeitar a ideia de ser destinado a alguém, assim como Summer era 499 dias atrás.

Desejado amadurecimento? Nem tanto. Como ato final dentro de sua função de MPDG, Summer aparece para impulsionar o personagem masculino principal uma vez mais, e mesmo sem ser par romântico naquele momento, traz uma última sabedoria: ele sempre esteve certo em acreditar no destino, pois se não fosse o acaso, Summer jamais teria conhecido o homem por quem se apaixonou, a pessoa que mudou sua forma de enxergar o amor e relacionamento.

Não podia ser mais perfeito, porque ela poderia até não reatar o relacionamento com ele, mas voltou para informar que Tom estava certo o tempo todo, o que mantém o orgulho do homem intacto. Ouvir isso de Summer o faz voltar a acreditar no amor e quando finalmente achamos que ele aprendeu alguma coisa, o vemos se apaixonando à primeira vista da mesma forma que aconteceu com Summer, só que por Autumn, a mulher que acabara de conhecer numa entrevista de emprego minutos depois de reencontrar o suposto amor da sua vida e ver que ela estava muito bem sem ele.

Sabemos que Summer foi imprescindível para a evolução de Tom, afinal ela foi esse cataclisma que virou a vida dele de cabeça para baixo, o ensinou o que era a primeira paixão, o relacionamento sério, o término e seu consequente coração partido tão doloroso e ainda uma boa parcela de amor próprio e superação que o incentivou não apenas a buscar a profissão de arquiteto que tanto almeja durante o filme, mas também a recomeçar e tentar conhecer alguém novo, dar uma nova chance ao amor. Porém, em que ter cruzado sua história com a de Tom implicou na

vida de Summer? Exatamente o contraste necessário entre a incerteza e a certeza, o não saber se ama e a certeza de amar.

Há uma libertação mágica após sair de uma relação ruim que só quem passou sabe. Summer está caminhando para um futuro em que quebra os antigos padrões, em que muito provavelmente, agora que não pode mais ser idealizada por este homem, sai do arquétipo de MPDG, porque esse arquétipo só existe na mente de Tom. Já o final do protagonista indica um novo delírio romântico se iniciando, muito semelhante ao do início do filme, deixando claro que ele é assim, que aquela situação com Summer não foi uma coincidência. Ou seja, há evidência de repetição de padrões nos comportamentos do protagonista.

O mais assustador é que o desenvolver do filme é contado num tom jocoso, como se fosse adorável a maneira como Tom apenas cruzou olhares com essa mulher e decidiu que ela era o amor de sua vida, que tudo nela era perfeito até que não era mais. Desde o início, Summer não queria namorar, mas ele a pressiona até que diga sim.

Antes mesmo que eles pudessem sair juntos, Tom demonstra raiva e até ódio de Summer. Ele a culpa e afirma que havia lhe dado todas as chances possíveis para falar com ele, mas então por que Tom só não tomou coragem e a convidou para sair? Porque mesmo nessa situação é culpa de Summer que ela não tenha reparado em seu interesse através dos pequenos indícios que foram deixados no ar como: tocar a banda favorita de Summer no trabalho e esperar que ela simplesmente se derretesse aos seus pés. Ou quando ele pergunta sobre o fim de semana dela, ao que Summer diz ter sido bom e Tom entra numa crise de paranoia e fúria, deduzindo que ela havia se relacionado sexualmente com alguém e por isso tinha sido bom, até mesmo a chamando de “vadia”, ao que sua irmã mais nova exclama em indignação: “Qual o seu problema?”

É isso que o “cara legal” faz quando no foco de seu afeto não há reciprocidade. Ele idealiza uma mulher, se frustra no momento em que ela não atende a toda e qualquer expectativa criada e a odeia por não permanecer e ser o que ele precisa. É como se a mulher fosse nada além de um objeto que se submete às necessidades masculinas e não tivesse o direito de discordar. Essa reflexão nos leva a concluir que Tom realmente não era um cara legal, assim como a maioria dos homens se intitulam “caras legais”. Se Tom fosse mesmo o que diz ser, talvez não tivesse como amigos apenas a irmã e dois homens de índole discutível.

Assim, podemos deduzir que o filme foi inicialmente interpretado de uma maneira mais rasa pelo público e pela crítica, e que com o passar dos anos e a evolução na pauta do feminismo contra a misoginia, outras interpretações possíveis os alcançaram. Reivindicações começaram a ser feitas, conversas difíceis foram iniciadas e chegamos à conclusão que, neste clássico filme indie tão adorado, o vilão da narrativa não é Summer, mas o próprio Tom, conforme se posiciona Gordon-Levitt:

Imagem 1 - Tweet de Joseph Gordon-Levitt



Fonte: Perfil de Joseph Gordon-Levitt no Twitter⁷, 2018.

Em um tweet de junho de 2018, um espectador disse que “ainda não perdoou Zoey Deschanel pelo que ela fez com Joseph Gordon-Levitt em *(500) Dias*

⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/hitRECORDJoe/status/1026538001990529025>>. Acesso em: 23 mai 2023.

com Ela” (minha tradução), mostrando que mesmo anos após o lançamento do filme e todas as conversas sobre essa relação dos personagens e a forma como Summer é tratada no filme, ainda existem pessoas que mantêm o posicionamento anti-Summer. O ator que interpreta o protagonista no filme precisa se posicionar 9 anos após o lançamento do filme na tentativa de mostrar que o comportamento de Tom não era legal e que não deve ser replicado. Gordon-Levitt diz: "Assiste de novo. A maior parte é culpa do Tom. Ele está projetando coisas nela. Ele não a escuta. Ele é egoísta. Por sorte ele melhora no final” (minha tradução).

2.2 MPDG POR TRÁS DAS CÂMERAS

Se vamos falar de MPDG, precisamos falar de Zooey Deschanel. O termo MPDG se expandiu e solidificou quando ela surgiu nas telas de cinema como Summer em 2009, tornando-se a garota propaganda do arquétipo MPDG e daí em diante era como se o conceito tivesse tomado vida própria, se expandido de formas inimagináveis. De repente, a MPDG estava em todos os lugares: influenciando a moda, cortes de cabelo, estilos musicais, relacionamentos da vida real e principalmente, moldando tanto as personalidades de jovens mulheres, quanto às expectativas de homens sobre elas.

É raro ver Deschanel em papéis que não tenham um quê de Manic Pixie Dream Girl. O termo foi criado em 2007 e desde os anos 2000 ela já atuava em papéis de estilo semelhante. Foram 19 anos seguidos de atuação como variadas versões de MPDG e em seu grande último trabalho, a série *New Girl* (2011-2018). Inclusive, este foi um de seus únicos papéis principais, já que a MPDG geralmente é apresentada no máximo como suporte ou par romântico. Sua personagem na série não tem evolução ou desenvolvimento para além do padrão MPDG até que Deschanel entra como co-produtora em 2014, deixando aos poucos os clichês do arquétipo. Por que será?

Deschanel além de ter toda uma carreira dedicada à MPDG, divide vários traços em comum com suas personagens: o amor por roupas vintage, a franjinha e corte de cabelo clássicos, habilidades musicais com canto e também tocando vários instrumentos. As semelhanças são tantas que fica difícil saber se lhe oferecem esses papéis pois os interpreta muito bem ou se acreditam que ela seja uma MPDG na vida real, mas sabemos que isso não é possível. Ainda que compartilhe todos os

traços em comum com uma MPDG e que passe o resto de seus dias interpretando personagens dentro desse padrão, Deschanel é muito mais do que um arquétipo.

A verdade é que ela não aparece no cinema ou na TV faz algum tempo, pois além de ter se tornado mãe e precisar, como a maioria das mulheres, abrir mão da carreira para priorizar os filhos, também foi prejudicada pela mesma coisa que a tornou famosa. Por muitos anos, Zooey Deschanel permaneceu no mesmo tipo de personagem e não foi por questão de escolha, já que aparentemente as MPDG eram os únicos papéis oferecidos à atriz. Ficar por mais de 20 anos na indústria audiovisual atuando como a mesma garota a estigmatizou e tornou-se difícil para os diretores imaginá-la em papéis além desse.

Por sorte, Deschanel possui uma variedade de talentos dentro do mundo artístico e pôde se dedicar a outras formas de audiovisual como animações ou à sua banda, *She & Him*, enquanto avalia um próximo passo para sua carreira.

2.3 - MPDG E SUA INFLUÊNCIA

Nathan Rabin se arrependeu de sua criação e tentou reverter a situação escrevendo um mea culpa em 2014 chamado "Me desculpem por cunhar a frase Manic Pixie Dream Girl" (minha tradução). Em seu relato, Rabin afirma que quando publicou sua crítica de *Tudo Acontece em Elizabethtown* em 2007, pensou ter feito um ótimo trabalho nomeando uma personalidade recorrente da cultura pop com um termo que gruda na cabeça das pessoas, mas que não imaginava o quão grande isso se tornaria. Para ele, a MPDG é um arquétipo sexista e raso e vê-la nesses termos a desumaniza, fazendo-a se parecer menos com uma mulher e mais com um artifício sem autonomia, sem ser dona de sua própria história.

Por apontar esses problemas na MPDG, Rabin acabou criticando hábitos e particularidades de mulheres reais que se identificaram com o arquétipo, e ter essa crítica vinda dele também é problemático aos olhos do público feminino, pois ele como homem, não tem autoridade alguma para definir o que é um comportamento aceitável ou não para uma mulher, este não é seu local de fala e esta foi mais uma razão para que depois de todo esse tempo ele voltasse a tocar no assunto.

Ainda em seu pedido de desculpas, Rabin cita e defende o autor John Green, que na época havia opinado através da própria conta do *Tumblr* sobre o termo MPDG, alegando ser "de uma natureza grotesca e tóxica e que sua obra

Cidades de Papel se dedica exclusivamente a destruir a mentira patriarcal que é o termo MPDG” (2012, minha tradução). Acontece que grandes exemplos de MPDG nos tempos atuais encontram-se na literatura de John Green, o que é cômico pois apesar de se dizer contra o arquétipo, ele permaneceu por todos esses anos escrevendo livros narrados por garotos adolescentes, os típicos caras legais que se apaixonam por mulheres pouco desenvolvidas, misteriosas, impulsivas, de espírito livre e incrivelmente idealizadas como Alaska Young de *Quem é você Alaska* (2005), ou a própria Margot da já citada *Cidades de Papel* (2008).

Outra pessoa citada por Rabin foi Zoe Kazan, responsável por *Ruby Sparks* (2012, no Brasil lançado como *Ruby Sparks, A Namorada Perfeita*), filme escrito e estrelado por ela mesma, onde interpreta uma das mais importantes MPDGs do audiovisual. Kazan afirma que o termo é “misógeno e usado como rótulo para tudo que as pessoas não compreendem e que se encaixa minimamente na ideia” (2012, minha tradução). Ter Kazan por trás da produção do filme é uma melhora significativa, mas relevante também para nos mostrar que mulheres são capazes de reproduzir determinados comportamentos que vão contra seus próprios interesses, e, de fato, com a popularização do termo, muitas personalidades distintas acabaram sendo caracterizadas como MPDG. No caso de *Ruby Sparks*, ela é literalmente um modelo de “mulher ideal” (a tal “namorada perfeita” no subtítulo brasileiro), tendo sido escrita na história por um homem em seu livro, do qual ela sai quando toma vida própria. Basicamente um “MPDG quebra a quarta parede”.

A *Manic Pixie Dream Girl* é diferente, cativante, interessante e está tudo bem ser excêntrica, tocar ukulele e dançar como se ninguém estivesse olhando, contanto que não seja apenas para agradar um homem. E espelhar-se nessa personalidade fabricada é perigoso, pois sabemos que é impossível ser tão boa e perfeita quanto um sonho, um ser mítico idealizado nos padrões masculinos e sociais inalcançáveis.

Mulheres são humanas e falhas como qualquer outra pessoa e ao assistir personagens com as quais se identificam e desenvolvem afeto tendo como propósito apenas dedicar-se a impulsionar a vida de um par romântico, as espectadoras acabam transferindo isso para a vida real e aceitando esse comportamento como algo normal. Elas dão preferência a ajudar um homem a melhorar, mudar, evoluir como pessoa e alcançar seus sonhos e objetivos, ao invés de dedicarem-se a fazer o mesmo por elas. Uma realidade amplamente conhecida, até mesmo por mim que

repliquei este comportamento em vários relacionamentos da minha juventude, e que conseqüentemente traz inúmeras baixas para a autoestima, futuro e desenvolvimento da mulher. Ela se desumaniza para alcançar um clichê, uma versão de mulher idealizada pela mídia, que é majoritariamente narrada através dos olhos, desejos e ideais de homens e isso impacta diretamente o resto de suas vidas.

A realidade nos filmes parece natural, mas precisamos nos atentar e sempre analisá-la de forma crítica, levando em consideração que a maioria com poder de ditar narrativas são homens e a visão de mundo passada, geralmente pertence a eles. Assim como *(500) Dias com Ela* se utiliza dos amigos machistas extremos de Tom para traçar um paralelo entre eles e o protagonista, fazendo com que se compre sua narrativa e faça vista grossa aos seus comportamentos problemáticos, podemos ler a relação do machismo em filmes mainstream e filmes indie da mesma maneira. Outras produções do tipo blockbuster já possuem seu saldo de misoginia e sexismo escancarado, o que ajuda o tipo de machismo silencioso da indústria indie a sair pela tangente, pois a intensidade desse contraste torna o machismo de filmes indie mais ameno e palatável. Fica mais difícil de identificar, porém está ali, se faz presente e fere mulheres reais da mesma forma, seja cobrando uma perfeição que não existe e trazendo inseguranças ou normalizando comportamentos sociais que não deveriam ser aceitos.

O arquétipo MPDG é reduutivo e coloca tantas mulheres diferentes com vivências diferentes no mesmo local. Somos levados a reduzir personagens ao estereótipo de MPDG e não é por achismo e sim porque a indústria indie usa de símbolos para que você já saiba o que esperar da personagem. Eles pedem que você deduza o que não querem tomar tempo de tela para explicar. Ou seja, se ela em poucos segundos se porta dessa maneira, veste essas roupas, escuta essas músicas e fala desse modo que já vimos em tantas outras produções e que se desencadeiam da mesma forma todas as vezes, é necessário supor que vai ser mais do mesmo e deduzimos então que a personagem está fadada ao fim raso de todas as outras MPDG.

2.4 MPDG NO ESPECTRO

Até aqui, pudemos estabelecer o quão relevante e necessária é a representação midiática. Por muitos anos tivemos parcelas da população como pretos, mulheres, LGBTQIAPN+ ou pessoas com deficiência vivendo ainda mais às

margens da sociedade simplesmente por não serem considerados “pertencentes” às telas de cinema. De acordo com Gerbner e Gross, possuir “representação no mundo da ficção significa existência social; abstenção significa aniquilação simbólica.” (1976, p. 182) Contudo, também pudemos estabelecer o quão nocivas as representações podem ser ao disseminar e perpetuar estereótipos. Quando tratamos mais especificamente de doenças mentais, muito geralmente essas pessoas são retratadas nas telas como paródias do que realmente são, como piada ou até como irracionais e violentas – mesmo que existam estudos que comprovem como estas correm muito mais risco de ser vítimas do que causadoras de dita violência.

Pensando por essa ótica, Ana Claudia Monteiro Dutra e Maria Carolina Maia Monteiro afirmam em seu artigo que:

[...] dentro da ficção, personagens que possuem algum tipo de transtorno psicológico são tratados apenas como entretenimento, tendo papéis violentos ou cômicos, [...] justificados pelas doenças; e representados como desprovidos de direitos, sem identidade social, ou seja, seus traços característicos se limitam ao transtorno que possuem e não são tidos como um indivíduo em si e socialmente funcional. (2020, p. 161)

A maioria dos personagens lidos como neurodivergentes – já que é raro se deparar com alguma condição mental declarada nas telas de cinema –, são geralmente retratados como assassinos, vilões, pessoas perigosas ou desequilibradas capazes de qualquer coisa, sendo que esses transtornos mentais são apenas doenças comuns: pedem acompanhamento médico, terapia e medicamento específico para seu tratamento e manejo. Doenças mentais trazem uma complexidade inerente da pessoa neurodivergente que se perde dentro de produções de cinema, nos trazendo a sensação de que esses seriam apenas personagens vazios e irracionais ou que esta seria a visão dos neurotípicos sobre nós.

De acordo com Micheline Silva e James A. Mulick, que discorrem em seu artigo sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista), a pessoa acometida fica comprometida em níveis variados nessas três áreas específicas do desenvolvimento: “(a) déficits de habilidades sociais, [como dificuldade com interações comuns do dia a dia, no ambiente de trabalho ou na escola] (b) déficits de habilidades comunicativas (verbais e não-verbais) e (c) presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados” (2009, p. 118). Em *(500) Dias com Ela*, Summer costuma ter dificuldade para notar e

até compreender o desconforto das pessoas com algumas de suas falas e atitudes, de lê-las como inapropriadas. Podemos assim, traçar um paralelo entre algumas das características marcantes de doenças que estão dentro do termo guarda-chuva neurodivergente – o Transtorno de personalidade Borderline (TPB), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Asperger, o Transtorno Bipolar (TB), entre outros – e a MPDG para que ela seja lida como tal.

Um bom exemplo disso na narrativa do filme seria quando Summer relata a Tom seu apelido na época da faculdade – “anal girl” –, (ou garota anal) mas num sentido de ser chata, neurótica, certinha, de ter necessidade de fazer as coisas de uma maneira específica, enquanto ele obviamente entende de outra maneira, maneira esta que qualquer outra pessoa seria capaz de deduzir e explicar, ou pelo menos rir da confusão, exceto Summer. Ela simplesmente parece confusa e fica em silêncio observando a reação exagerada de Tom com estranheza e curiosidade.

Summer não foi capaz de imaginar que sua fala poderia ser interpretada de outro modo ou não sentiu desconforto algum ao expressá-la em voz alta. Poderia ter até se surpreendido com tamanha reação dramática de Tom, porém ela a recebeu com neutralidade fazendo com que a cena se tornasse estranha para quem assiste. Ela é, inclusive, usada no filme como um momento de comicidade, enquanto que para mim, espectadora neurodivergente, parece apenas algo familiar e desconfortável. Esta situação traz mais sintomas em comum com a qualidade neurodivergente, dessa vez não apenas semelhante ao autismo, mas também ao Borderline na impulsividade e facilidade com exposição própria característica de uma fase de mania.

Outro traço comum desta mesma cena com o TEA é o fato de que o apelido se refere a uma história do passado de Summer, seu tempo na faculdade onde ela era canonicamente tão certinha e regrada que irritou uma colega de sala a ponto desta lhe dar um soco na cara. A partir daí, ela decidiu mudar seu jeito de fazer as coisas e assumiu atitudes mais leves e erráticas características da MPDG, mas e antes disso? Este hábito com normas é bem comum no dia a dia da pessoa autista – até com Asperger, que seria uma forma mais severa e com mais dificuldade de socialização –, já que estes precisam seguir determinado passo-a-passo de restrições alimentares ou sempre pegar o mesmo caminho para casa em função de manter certos hábitos para não desencadear crises intensas de ansiedade.

Summer também é direta, às vezes até fria, e possui uma visão cínica do amor. Pessoas autistas especialmente tendem a causar estranheza devido às suas falas, é como se houvesse uma rodovia na mente deles, clamando que o assunto vá direto ao ponto, sem a necessidade de tantas voltas emocionais como pedem as normas sociais de pessoas neurotípicas, e é graças ao ritmo acelerado de Summer que tudo acontece. Ela dá o compasso e quem estiver ao redor precisa correr para acompanhar o turbilhão em sua mente.

Summer flerta com Tom e depois o ignora, num dia está o beijando espontaneamente no trabalho e de repente não está mais, eles saem por meses e ela afirma categoricamente que aquilo não é um relacionamento, então eles brigam e no meio da noite Summer aparece na porta de Tom dizendo que mudou de ideia. É até compreensível que ele tenha tanta dificuldade de acompanhar o raciocínio errático dela. Sem estudo no assunto – e até mesmo com estudo –, os hábitos neurodivergentes podem parecer confusos.

Já no fim do relacionamento, Tom demora para superar o término enquanto Summer reage bem, parece acostumada com relações inconstantes ou triviais que acabam de forma súbita e isso também é um fato em comum com pessoas neurodivergentes, pois estas tendem a ter dificuldade de manter relações a longo prazo. Estímulo demais dentro da intimidade de uma relação pode rapidamente fazê-las explodir e cortar aquilo pela raiz com a frieza e desligamento de emoções da dissociação.

Enfim, as semelhanças entre neuroatípicos e MPDGs são inúmeras, salpicadas entre distúrbios mentais como se a MPDG não fosse uma coisa só, mas uma colagem de todas elas, o tal amálgama de várias mulheres que o diretor cita em sua entrevista, trazendo ainda mais forte a ideia de irrealidade. E essa conexão se reforça não apenas pelo comportamento de Summer, mas também em diversas outras personagens MPDG como a Allison de *Sim, Senhor* (2008), muito mais próxima de TEA, a Ramona Flowers de *Scott Pilgrim Contra o Mundo* (2010), que conversa mais com o TPB, ou a Clementine de *Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças* (2004), que transita entre Bipolar e Borderline com forte influência de depressão e alcoolismo funcional.

Além disso, outros estereótipos negativos são criados a partir desses personagens, surgindo mais comumente em filmes de romance como *Se Enlouquecer, Não se Apaixone* (2010) dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, de

Como Eu Era Antes de Você (2016) dirigido por Thea Sharrock e *Amor e Outras Drogas* (2010) dirigido por Edward Zwick, deixando sempre para alguém do casal a função de salvador e transformador. Nesse movimento da mídia surgem dois mitos extremamente nocivos que permanecem sendo propagados através da influência midiática: (1) se apaixonar por alguém neurodivergente é uma provação, a pessoa seria uma heroína por fazê-lo, e também (2) para se curar basta encontrar o amor da sua vida, sendo que a maioria dessas condições não possuem cura, precisam ser manejadas por toda a vida. No fim das contas, nada se fala sobre tratamentos e terapia ou medicação que sabemos ser um conjunto de ações extremamente necessárias para controlar os sintomas da doença seja ela qual for, inclusive a depressão que muito comumente vem atrelada a estas outras condições.

Em 2012 tivemos também o filme vencedor do Oscar *O Lado Bom da Vida*, que basicamente une dois neurodivergentes em um par romântico – ele bipolar declarado e ela provavelmente Borderline, mas não declarada – que depois de muitos conflitos e abstenção de medicamentos acabam bem pois ficam juntos no final, nos passando essa ideia de que a salvação está no outro, no amor, na família. Não que laços não sejam uma importante rede de apoio a pessoa neurodivergente, mas não poderiam ser considerados a salvação. Tendo essa imagem como exemplo a ser almejado, pessoas bipolar e borderline têm a inclinação de jogar a responsabilidade de cura no outro ao invés de trabalharem na sua própria melhora, de lutar para entender sua condição e procurar ajuda. Tendem principalmente a se abrigar em relações românticas pelo medo da solidão, e estas, muitas vezes, acabam tragicamente, pois não é a resposta para o problema, na verdade, só o agrava.

Estabelecemos anteriormente que com a popularização da MPDG, este tornou-se um arquétipo de mulher idealizado pelo homem não-padrão em comportamento predatório, que acontece não apenas nos filmes, mas também na vida real. Com isso também, a romantização das doenças mentais vem aumentando exponencialmente junto do crescimento e influência das redes sociais na primeira metade do século 21.

Ainda de acordo com Dutra e Monteiro:

[...] portadores de transtornos psicológicos podem ser considerados um grupo social minoritário, vítimas também de aniquilação simbólica, que necessitam de reafirmação social pela mídia. A popularização de plataformas que possibilitam o indivíduo reafirmar a própria existência

aumentou a tendência de outros indivíduos buscarem conteúdo com os quais pudessem se identificar, causando a criação desta nova subcultura: a de indivíduos que sofrem de transtornos psicológicos. (2020, p. 167)

Este fenômeno trouxe certa banalização de comportamentos nocivos e das personagens “dark”, glamurizando sua depressão e fazendo com que essas fossem romantizadas e crescessem em popularidade no mesmo período. “O sofrimento e a 'escuridão' se tornam algo desejável [...] em um fenômeno que parece resgatar do Romantismo, na literatura, a admiração pela melancolia” (DUTRA, MONTEIRO, 2020, p. 168).

Temos como ponto positivo um princípio de conversa que se iniciou entre toda a sociedade sobre doenças mentais e os perigos de banalizá-las ou ignorá-las. Ainda precisamos trabalhar muito mais nessas questões e desestigmatizar o assunto para que a população reconheça essas condições como doenças reais que precisam de cuidados reais, porém também é importante estar atento para não normalizar comportamentos nocivos como tem sido feito.

Com a popularização da mulher “depressiva”, homens começaram a buscá-las como interesse romântico, já que alguns aspectos os agradam como a espontaneidade, a fragilidade, a facilidade de manipulação em relações e a promiscuidade tão desejada que vem com a impulsividade, porém eles logo as descartam quando as partes que não gostam de lidar vêm à tona: crises de ansiedade e pânico, insegurança e paranoia, automutilação e ideação suicida, abuso de substâncias, entre outros. As mulheres borderline, por exemplo, possuem questões com identidade e grande habilidade de adaptação em suas personalidades, costumam ser como camaleões e tornar-se aquilo que o homem deseja, colocando sempre as necessidades dele acima das suas pois têm muito medo do abandono e concluem que se o homem não for contrariado, se elas fizerem tudo do jeito dele, talvez ele não vá embora. Mas como já estabelecemos, no fim das contas eles se desiludem com as facetas problemáticas dessa mulher e a abandonam.

Chega a ser cômico fazer toda essa volta pra entender que o homem mediano fora do padrão, busca uma mulher inalcançável, pois no processo de narrar uma história como esta, ele despe essa mulher de toda justificativa, mérito, meta e profundidade e nós acabamos com essa versão feminina rala e vazia, que muitas vezes está ali apenas como um objeto de transformação para a jornada do homem.

No fim, o uso da MPDG parece interessante, mas acaba trazendo toda uma carga e influência negativa no mundo real quando romantiza um comportamento advindo de doenças mentais, assunto muito delicado e que nunca esteve tão presente em nossa sociedade quanto na atualidade. O público masculino romantiza apenas as partes que lhes parecem úteis de uma mulher de verdade e não costumam fornecer o suporte para essas mulheres quando os sintomas negativos da doença aparecem.

3. CONCLUSÃO

Hoje em dia, Nathan Rabin se envergonha do termo Manic Pixie Dream Girl, o acha clichê e reduutivo, o chama de "uma representação de um arquétipo sexista ou a fantasia regressiva de um cara triste" (2014, minha tradução). As personagens por muitas vezes são baseadas em mulheres reais assim como tantas outras e não é justo que sejam reduzidas a um sonho masculino de ideal feminino porque um roteirista ou diretor não se interessou por aprofundar personagens ou não foi capaz de expressar nas suas palavras a complexidade de uma mulher.

Em seu texto, Rabin pede que mulheres no cinema sejam escritas de forma mais aprofundada, com mais nuances, histórias ricas, emoções complexas e total autonomia de suas vidas. Que essas personagens podem até fazer tudo o que uma MPDG faz hoje em dia, porém elas precisam ser donas das próprias histórias e ser escritas com propósitos em suas vidas além de ser apenas um par romântico. Mulheres da vida real são muito mais do que isso.

Hoje entendo que apesar de toda a misoginia que reproduzia quando mais nova, meu sonho era pertencer e ser considerada "normal" e isso me lembra muito a citação de Paulo Freire que diz que "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor" (1987). Eu nunca fui ensinada sobre minorias,

disparidade de gênero ou até mesmo a gostar de mim da forma que eu era, e talvez, ter essa orientação pudesse fazer muita diferença para a minha versão mais jovem, talvez eu alcançasse a clareza de hoje com muito mais facilidade e rapidez e até fosse capaz de transitar na vida de mulher com menos situações traumáticas.

Só me ocorreu uma grande mudança na visão de mundo a partir do momento em que ingressei na universidade pública, que o conhecimento me alcançou pois pude ter contato com realidades além das minhas, com mulheres e experiências diferentes as quais eu nunca ouviria falar se ali não estivesse. Foi através disso que eu entendi que o movimento feminista se faz presente não para indicar que tipo de mulher você deve ser, muito menos o que é certo ou errado de se gostar e fazer. Você pode ser uma mulher forte e independente e usar rosa dos pés a cabeça, é só uma cor. Você não é frágil por demonstrar sentimentos, ou fútil por ir ao salão de beleza. Tudo bem se assim como eu, seu maior sonho é ser mãe. Você não é fraca ou menos que outra mulher por desejar seguir este caminho, e se não quiser nada disso, ótimo também. O feminismo existe para nos dar todas as chances e ferramentas necessárias para que possamos escolher ser e gostar do que quisermos sem que ninguém nos menospreze ou oprima por isso.

E sobre a MPDG, dias atrás, tentei explicar a ideia desse estudo a um amigo ao que ele me afirmou categoricamente que a MPDG não existe, e após um acesso de fúria Borderline, sentindo que meu trabalho perderia seu propósito se assim fosse, cheguei à conclusão de que sim, ele estava certo. A verdade é que a MPDG no fim das contas não existe mesmo pois todas as personagens citadas acima e até as que não foram, só são esse clichê dentro da mente de um homem, através da visão dele. Elas não são um arquétipo de personagem vazio. A visão desses homens faz delas um personagem vazio, tanto que Summer, nossa personagem central para toda esta análise, deixa de ser uma MPDG a partir do momento em que Tom não tem mais uma relação com ela, quando ele não pode mais idealizá-la e projetar sobre ela seus desejos. Então podemos concluir que o clichê da MPDG está diretamente atrelado à narração masculina dos fatos, ao poder que eles exercem sobre como essa história será contada.

Por muito tempo a mulher permanece sendo definida e analisada pelos parâmetros de homens, usando das ideias e da compreensão deles e sempre sendo tratada como “o outro”, um ser estranho regido por hormônios – como se eles também não o fossem. Somos tão incompreensíveis para eles que acabamos

representadas na tela como uma pintura distorcida, reescritas do pouco que sabem do nosso todo, e isso acontece porque eles ainda são praticamente os únicos que ditam a narrativa.

Simone de Beauvoir diz em *O Segundo Sexo* que “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele. Ela não é considerada um ser autônomo, ela não é senão o que o homem decide que seja.” (2009 [1949], p. 10) e apesar desta ter sim sido nossa realidade até pouco, está mais do que na hora de quebrar o ciclo.

Acredito que agora seja impossível sumir com um termo tão disseminado na cultura pop quanto o MPDG. Criou-se um localzinho aconchegante para ele nas nossas mentes a ponto de respingar no mundo real e transformar a mente de muitos. Influencia homens e mulheres, seja por normalizarem o comportamento da MPDG, tornando-o um modelo a ser seguido, seja fazendo dele uma meta pessoal, um tipo de mulher a ser desejado, ou seja o despindo e problematizando como fizemos neste estudo, porém, acima de tudo, torna-se necessário interromper o fluxo de alguma maneira.

Precisamos nos negar a criar e interpretar e assistir personalidades femininas vazias, sem qualquer intencionalidade que não seja impulsionar o homem ao centro do palco. Chega de dar poder a termos redutivos, de permitir que homens repliquem ideias distorcidas do que somos, de entregar para mentes férteis e jovens de futuras mulheres representações falsas do feminino, pois como mulheres, somos as únicas capazes de defini-lo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo – fatos e mitos**. Trad: Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad: Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARNEIRO, L. L. F. **BORDERLINE - NO LIMITE ENTRE A LOUCURA E A RAZÃO**. Ciências & Cognição, v. 3, p. 63 - 65, 14 fev. 2011. ISSN 1806-5821. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/469>. Acesso em: 23 mai 2023.

DUTRA, A. C. M.; MONTEIRO, M. C. M. **A Glamourização de Transtornos Psicológicos na Mídia**. Fotografia e Audiovisual: Imagem e Pensamento, Livros de Fotografia, Recife - PE, v. 1, 245 p. 160 - 174, 2020. ISSN 9786500003215. Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/publicacao/6928/fotografia-e-audiovisual-imagem-e-pensamento>. Acesso em: 23 mai 2023.

FERREIRA, L. **Borderline: no limite entre a loucura e a razão**. Ciências e Cognição, v. 3, p. 66–68, 1 nov. 2004, republicado em: 14 fev, 2011. ISSN 1806-5821. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v3/v3a07.pdf>. Acesso em: 23 mai 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

GERBNER, G.; GROSS, L. **Living with Television: The Violence Profile**. Journal of Communication, v. 26, n. 2, p. 172–199, 1 jun. 1976. Disponível em: <https://web.asc.upenn.edu/gerbner/Asset.aspx?assetID=276>. Acesso em: 23 mai 2023.

GORDON-LEVITT, J. **Watch it again. It's mostly Tom's fault. He's projecting. He's not listening. He's selfish. Luckily he grows by the end**. 6 ago. 2018. Twitter: @hitRECORDJoe. Disponível em: <https://twitter.com/hitRECORDJoe/status/1026538001990529025>. Acesso em: 23 mai 2023.

GREEN, J. (Resposta à pergunta de fã em sua conta do Tumblr, hoje deletada deste link: <https://fishingboatproceeds.tumblr.com/post/57820644828/hey-john-i-was-just-wondering-what-your-explanation#notes>). **Tumblr**, 2012. Republicado em 12 ago 2013. Disponível em: <https://www.tumblr.com/unmecha/58050690205/fucknointernetignorance-john-green-recently>. Acesso em: 23 mai 2023.

KAZAN, Z. Zoe Kazan on Writing Ruby Sparks and Why You Should Never Call Her a 'Manic Pixie Dream Girl'. **Vulture**, 23 jul 2012. Disponível em: <https://www.vulture.com/2012/07/zoe-kazan-ruby-sparks-interview.html>. Acesso em: 23 mai 2023.

RABIN, N. I'm sorry for coining the phrase "Manic Pixie Dream Girl". **Salon**, 15 jul 2014. Disponível em: https://www.salon.com/2014/07/15/im_sorry_for_coining_the_phrase_manic_pixie_dream_girl/. Acesso em: 23 mai 2023.

_____ The Bataan Death March of Whimsy Case File #1: Elizabethtown. **AVClub**, 25 jan 2007. Disponível em: <https://www.avclub.com/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-elizabet-1798210595>. Acesso em: 23 mai 2023.

RODRÍGUEZ, L. G. V. **(500) Days of Postfeminism: A Multidisciplinary Analysis of the Manic Pixie Dream Girl Stereotype in its Contexts**. Revista Prisma Social, [S. l.], Espanha, n. Especial 2, p. 167–201, set. 2017. ISSN: 1989-3469. Disponível em: <https://revistaprismasocial.es/article/view/1599>. Acesso em: 23 mai 2023.

SILVA, M.; MULICK, J. A. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>. 06 jun. 2022. Acesso em: 23 mai 2023.

SILVA, E. F. G. ; SANTOS, S. E. B. . **O Impacto e a Influência da Mídia sobre a Produção da Subjetividade**. In: XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009, Maceió-AL. Anais de trabalhos Completos - XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2009. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%CDdia.pdf. Acesso em: 23 mai 2023.

SINGER, J. **Odd People In: The Birth of Community Amongst People on the “Autistic Spectrum”: a personal exploration of a New Social Movement based on Neurological Diversity**. Tese (Bachelor of Arts Social Science) – Faculty of Humanities and Social Science, University of Technology, Sydney, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/27033194/Odd_People_In_The_Birth_of_Community_amongst_people_on_the_Autistic_Spectrum_A_personal_exploration_based_on_neurological_diversity. Acesso em: 23 mai 2023.

SOLOMON, C. T. **Anarcho-Feminist Melodrama and the Manic Pixie Dream Girl**. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*, v. 19, n. 1, 1 mar, 2017.

WEBB, M. Omelete Entrevista: Mark Webb, o diretor de 500 Dias com Ela. **Omelete**, São Paulo, 5 nov 2009. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/omelete-entrevista-mark-webb-o-diretor-de-500-dias-com-ela>. Acesso em: 23 mai 2023.